



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.
Sub-Eixo: Ênfase em Raça e Etnia.

SER NEGRO E AS MORTES POR “EQUÍVOCO”: NATURALIZANDO BALAS RACIALIZADAS

Joilson Santana Marques Junior¹

Resumo: Este trabalho pretende realizar uma reflexão inicial sobre as chamadas mortes por “equivoco” cometidas por policiais, procurando compreender quais as relações com a constituição do ser negro a partir da colonização/escravização. Para tanto, realizamos uma discussão acerca do que é ser negro em uma sociedade guiada pelo olhar da branquidade.

Palavras-chave: Negro; Morte; Alvo.

Being black and the death for “mistake”: naturalizing racialized bullets

Abstract: The present work intends to carry out an initial reflection on the so-called “mistakes” committed by police officers, trying to understand the relations with the constitution of the black being from colonization / enslavement, crossed by violence and criminalization. For this we have a discussion about what it is to be black in a society guided by the gaze of Whiteness.

Keywords: Black; Death; Target.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado pretende realizar uma reflexão inicial sobre homicídios na população negra, com enfoque particular no que inicialmente vamos chamar de “assassinato por equívoco”, ou o que se denominava popularmente “estar no lugar errado na hora errada”. Esse provérbio popular, a propósito, nos dá o indício de como se naturaliza e justifica a prática homicida no Brasil.

Os assassinatos que tratamos aqui são em sua maioria de pessoas negras, contudo não procuramos estabelecer um mapa quantitativo destas mortes, já elaborado por *Waiselfisz (2012;2016;)* e também presente em outros estudos. Nosso objetivo é iniciar uma reflexão acerca de quais processos envolvem a naturalização da violência letal contra a população negra. Nesse sentido, o que nos chamou atenção foram as mortes causadas por agentes de segurança do Estado, cujo mote foi o que tem sido relatado como “erro”, ou simplesmente “confusão”.

Partindo desses pressupostos, a metodologia utilizada foram pesquisas, via internet, por notícias sobre mortes cujas causas fossem “equivocos” policiais, a fim de

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: joutromundo2000@gmail.com.

identificar, ainda que de modo inicial, a relação entre essas mortes e o racismo. A busca se baseou em sites de notícias e jornais eletrônicos. Não analisamos, nesse artigo, a forma da cobertura midiática, nem o seu conteúdo². Nossas inferências se debruçaram sobre as narrativas de policiais e familiares que se encontravam nessas reportagens.

A primeira seção desse trabalho se destina a uma reflexão sobre a construção do ser negro a partir das relações de colonização e escravização. Para tal nossos interlocutores foram Fanon(2008), Kilomba(2016), Mbembe(2018), entre outros. Nesse momento do trabalho fizemos uma escolha por uma escrita mais visceral e ao mesmo tempo que questiona alguns sentidos associados ao ser negro e branco já cristalizados em nossas memórias e práticas sociais. Não foi nossa pretensão abranger todas as possibilidades e sentidos do que é ser negro. Trabalhamos com a constituição desse par binário negro e branco, atravessado pelos processos já mencionados acima. Também não foi nossa intenção especificar o processo brasileiro, não que este não seja importante, mas por nossa proposta seguir pensando os sujeitos negros como pontos negros no mapa mundo, que tornam-se mirados.

Na segunda seção nos dedicamos a realizar uma breve descrição dos casos encontrados, e realizamos algumas inferências iniciais no sentido de trazer à baila algumas questões que dizem respeito à naturalização da morte negra, através da violência letal.

O negro como alvo:

Ser negro é ser considerado o receptáculo, que carrega tudo o que é erro ou gravita em torno deste. Essa construção é traçada a partir do outro, esse que se enuncia como branco, pois é a partir do seu olhar que se designa quem é negro.

Não havia negros antes do processo de escravização\colonização. Negro é uma invenção que permite o branco constituir-se como símbolo do belo, do correto, do pacífico, escondendo a origem dessas associações, encobrindo a violência como princípio do branco colonizador. (KILOMBA,2016)

A “conquista”, “colonização” acobertam a invasão e a tomada de pessoas como coisas. Não à toa associamos a palavra conquista assim como colônia a ideias positivas, daí não haver história dos negros antes desse processo, nós fomos

transformados em uma espécie de ato criador do branco que passa a nos designar a partir de sua imaginação sobre o que somos.

Assim como explorador ganha o significado de desbravador, o aventureiro que rasga o desconhecido e por isso torna-se corajoso. O cerne de sua bravura, está no adentrar o vazio sombrio e levar sua luz (a iluminação é símbolo do combate as trevas) e nada tem maior significado das trevas que a África e o corpo negro, lugares escuros por definição. Mas a relação está de novo ao contrário, há modos de vida nesses corpos e nesses lugares, há conhecimento, mas ao invés disso, usamos um discurso como se nada ali houvesse até a presença “criadora” do branco.

Aqueles que ali habitavam construíam vida e conhecimento, que por sua vez era totalmente ignorados por aqueles vindos da Europa. Essa operação subsume o que é de fato explorar. Explorar é aproveitar-se, retirar, expropriar. Nada mais pertinente que louvamos aventureiros, que na verdade foram e são usurpadores e deifica-los através de mitos e narrativas de feitos heroicos, escondendo que seus maiores predicados foram a rapinagem e a violência em todas as suas facetas utilizadas contra aqueles considerados fracos.

A partir disso, somos olhados como o vazio que precisa ser preenchido, algo sem nome, sem história e sem origem, e que por obra da razão do branco pode existir, o branco, afinal pode orgulhar-se de nos dar vida, uma vez que não éramos nada antes de suas enfabulações. (MBEMBE, 2018)

É essa visão que permeia a ideia de uma dívida que temos para com os brancos em sua retórica. Foi-nos apresentado um mundo negro, que só pode ter vida a partir desse contato, que nos tirou da noite infinita, toda essa mística nos oculta a designação negro utilizada para apagar, as histórias de diferentes povos que habitavam a África, as diferentes formas de vida e de organizar a vida, antes do processo colonizador, na verdade essa designação fez parte de um processo de homogeneização e criação da noção do igual para discernir-se daqueles agora chamados de diferentes. (MBEMBE,2018)

Afinal, para se estabelecer a dominação é preciso estabelecer referência, padrão, é preciso que todos sejam enfileirados e postos como algo indistinto entre si, mas distante daquele que se coloca como o igual. Nesse sentido ser branco tornou-se o igual, aquele que está à frente na “fila”, o que conduz a humanidade em sua “marcha evolutiva”.

Daí decorre uma outra ideia, acerca de que ser negro é estar sempre atrás, porque nunca será como o alvo que está a sua frente, porque ele simplesmente nasce com a insígnia corporal de quem “vence”. O que um bom negro pode fazer é espelhar-se nele (não por acaso há um provérbio popular que fala do negro de alma branca) é seguir sua sombra de modo a não atrapalhar seu caminho e ao contrário acorrê-lo em sua missão civilizadora.

Essa construção é importante, porque de modo geral, podemos esquecer o que fez o branco no auge de seu desígnio civilizatório, a “generosidade” de Leopoldo II, rei da Bélgica, que em nome da solidariedade e proteção aos congolezes, cometeu atrocidades dignas de Hitler, mas que ficaram na poeira da história e no máximo são lembradas como erros de um sujeito desequilibrado, desconsiderando todo um processo de dominação, exploração e violência que envolveu o enriquecimento dos belgas sobre as mãos amputadas, estupros recorrentes, assim como a morte de cerca de 10 milhões de congolezes³. Do mesmo modo, não reconhecemos o genocídio contra o povo Herero impetrado por alemães, o primeiro do século XX⁴.

O mundo se acostumou, desde o início da expansão ultramar, a ver os corpos negros enfileirados na vertical para o trabalho forçado, numa suposta indistinção de massa escura, informe, cuja única verdade é a “peça⁵” colonial, ou deitado na horizontal uns sobre os outros, como a derradeira vala negra, cuja referência é de algo imundo e abjeto, indigno ao olhar. Portanto seus corpos estendidos no chão causavam indiferença. Curiosamente esse processo, traduz a “lei do mais forte” como lei do que está certo. É porque é superior, se “vence” é porque é superior.

Nesse sentido, diferente das alegações românticas que nos infringem cotidianamente, a racionalidade branca como bastião de defesa de uma humanidade universal, cujos valores se assentam no reconhecimento do outro como portador desta, derruem, pois, a marca de origem do processo colonial é extração máxima daquele que foi denominado negro, o objeto cuja própria carne foi mercadorizada. (MBEMBE,2018)

Assim, não há uma grande preocupação com a manutenção da vida destes seres, afinal o que eles eram antes do colonizador? Nada, viviam em seu mundo

³ Ver mais em: Traumann e Fernandes (2015).

⁴ Os marcos desse genocídio são a atuação Alemã em território Africano, quando da resistência dos Hereros ao trabalho forçado, donde foi decidido pelo extermínio deste povo, utilizando uma soma de estratégias que iam do assassinato coletivo ao envenenamento da água, passando pela expulsão para a morte no deserto, que dizimou 80% do povo Herero em 1904. (MAGALHÃES,2010)

⁵ É uma terminologia utilizada no período colonial para contar negros escravizados, é basicamente uma medida de quantidade que evidencia a busca por coisificar seres humanos.

animista, enfim qualquer coisa que o colonizador oferecesse era um sinal de benevolência.

Temos então um outro sentido para o ser “negro alvo”, a benevolência o gesto caridoso daquele que pretende ajudá-lo a se desenvolver. A benevolência só é possível ao branco, porque na sua superioridade entende e cumpre a missão de auxiliar os inferiores. O auxílio foi, e é, colocar esses infantes no caminho. Para isso é preciso disciplina e nada melhor que o castigo, para fazê-los enxergar que trabalhar para o branco é seu caminho para melhorar, certamente não para tornar-se branco, mais para correr atrás da sombra do branco que vai à sua frente. (FANON, 2008)

Desse modo, o branco pode constituir-se como ser bom que “apenas” precisa recorrer a táticas educativas um pouco mais “severas”, porque negros são maus, eles não querem muitas vezes entender seu lugar, então é preciso mostrar. Nesse sentido, a morte negra é parte de um projeto\processo que sempre se fez presente na mentalidade colonial (e encontra sua continuidade hoje), ora como um expediente disciplinar para a manutenção do controle, pois indica aos “rebeldes” o fim, ora opera como descarte das “peças”, uma vez que não se trata de uma morte humana.

Mesmo a recorrente prática de estupros, nos mais variados períodos e lugares onde se fez presente nos processos de colonização e escravização, foram interpretados por um duplo viés, qual seja a sevícia sexual de mulheres negras que levam o homem branco ao pecado a atos imorais, e a benevolência desses homens que se dignam a ter intercurso sexual com um ser inferior.

Fazendo com que mais um ato de violência seja traduzido pela maldade da negra e a benevolência do branco, ser negro é afinal ser mal, é levar o outro a ter de cometer agressões contra a sua natureza.

De tal modo, talvez devêssemos falar do “negro alvo” como esse lugar repositório de tudo que não presta, o quarto de despejo do ocidente civilizado, e por continuo o lugar habitado pelo negro é o local da criminalidade, da falta de moral, da ausência de regras. Cujas existência ameaça a “ordem” e a “paz” social.

Mas uma vez, há uma inversão, o lugar da ausência da Lei, ou melhor, cuja “Lei é a do mais forte” é a metrópole, é o colonizador que tem o arbítrio de fazer o que quiser com os colonizados, de modo geral em todos os processos de colonização que abrangeram América e África, são os sujeitos europeus brancos que se colocam como senhores e, portanto, a quem a vontade cabe ser obedecida. Sobre os colonizados, a guarda do Estado, mesmo na sua égide liberal não se faz presente, isso porque a

marca do Estado moderno é o cidadão, escravizados e colonizados não brancos, não são cidadãos.

Assim, é a partir do imperativo dos indivíduos brancos colonizadores que se deve mover os negros, a sua ordem é a ordem do lugar, ferir, matar, castigar é parte da rotina local. O crime negro, é primeiro sua existência, que denuncia a desigualdade violenta da modernidade, a expropriação territorial e corporal que acompanha o rastro da história. Que denuncia quem roubou quem⁶?

Somos reconhecidos como o mal, logo somos identificados com o crime, para que a “outra face da moeda” possa estar identificada com a virtude. Temos a cor da noite, as formas físicas (lembramos que nosso corpo foi esquadrinhado os lábios grandes, um corpo grande, órgão genitais desproporcionalmente enormes), os gestos e um jeito de sorrir e andar que denota o excesso. Há um volume que não pode ser contido, (ao menos na ficção branca), cuja ideia geral é da volúpia insidiosa que só pode levar ao crime, somos assim vistos como o andar suspeito, um falar suspeito, um gestual suspeito, uma vida sempre suspeita, porque um negro está sempre em ilícito. Nós somos o elemento que por aparecer traz a desordem selvagem.

Ao mesmo tempo, a racialização está dada, na medida em que o negro não é apenas uma inscrição fenotípica, mas pode tornar-se um lugar. Algo que extrapola as fronteiras das características físicas, não por acaso que constituímos o verbo denegrir, que nada mais significa que tornar-se negro, mas que justamente por isso, equivale a difamar, cobrir a imagem de alguém com negrura, obscurecer. Logo, importa pouco se no território periférico podem residir não negros, uma vez que esses territórios já estão obscurecidos, difamados, são ao final as periferias/favelas negras⁷

Logo, *seria possível separar essas duas condições?* É evidente que há pessoas brancas moradoras de periferias/favelas, mas isso não torna esses territórios brancos, ao mesmo tempo um negro em trânsito no Brasil e mais particularmente no Rio de Janeiro, está carregando o lugar de favelado/periférico em seu corpo.

⁶ Ver mais em Kilomba(2016)

⁷ Isso não significa que ainda assim, o critério de morte não passe pelo fulcro fenotípico, Segundo Costa (2005) o Homicídio doloso (aquele onde há intenção de matar) pode ser considerado como uma das principais causas de morte de jovens, observa-se que os casos ocorrem mais frequentemente entre as áreas onde residem as camadas mais pobres e em segmentos de cor negra, tendo em vista, a reprodução, o aprofundamento das diferenças sociais e o racismo estrutural explícito. Mas que as escolhas de estratégias públicas e privadas para lidar com esses territórios é feita por uma identidade racializada assim a distribuição da violência e morte não é aleatória.

O “EQUÍVOCO” NA MORTE NEGRA: BALAS RACIALIZADAS

Esse levantamento inicial, não tem pretensões de esgotar a extensão ou todas as possíveis dimensões que compõe o problema. Nossos objetivos são: a) procurar traços de unidade no fenômeno; b) conhecer os territórios dessas mortes e se estes são identificados como territórios negros ou não; c) quantificar negros e brancos atingidos por esse fenômeno; d) realizar uma breve análise do fenômeno à luz dos pressupostos teóricos discutidos no texto;

Para essa pesquisa inicial realizamos levantamento junto à internet, particularmente através do www.google.com, procurando através das palavras chave: *policiais confundem; os casos em que policiais haviam confundido; foram acusados de confundir objetos ou atitudes com potencial ofensivo letal; e que por sua vez redundou em ação de “defesa” do policial*. Este procedimento resultou na coleta de dados em sites de notícias e jornais eletrônicos.

Não realizamos um corte temporal uma vez que esses casos têm sido visibilizados recentemente na mídia, o que não significa que não tenham ocorrido antes, mas não vieram a público.

A partir disso, selecionamos reportagens em que o local do fato ocorrido fosse o município do Rio de Janeiro e região metropolitana na medida em que:

a) O histórico da chamada “guerra ao narcotráfico” vem vitimando um índice alto de negros e desproporcional em relação à população branca todos os anos⁸. Segundo reportagem de Paula Bianchi, com base nos dados Instituto de Segurança Pública (ISP). Foram mortas 1227 pessoas pela polícia do Estado do Rio de Janeiro, das quais 581 foram identificadas como pardas, 368 negras, 141 brancas e 137 não identificados, sendo quatro 4 mulheres dentro deste universo.

b) O histórico de intervenções militares no Rio de Janeiro. De acordo com reportagem de Bianchi, as forças militares foram acionadas para intervir na segurança pública 12 vezes entre 2008 e 2017 no Rio de Janeiro⁹.

⁸ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/26/rj-9-em-cada-10-mortos-pela-policia-no-rio-sao-negros-ou-pardos.htm>

⁹ Ver em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/29/rio-chama-exercito-contra-violencia-pela-12-em-10-anos-virou-rotina.htm>

c) A construção das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) foi uma estratégia de segurança pública, iniciada em 2008, que buscava a ideia de tomada de territórios identificados como de domínio de criminosos. (BETIM, 2018).

A partir do exposto, optamos por trazer um resumo de cada matéria jornalística e realizar algumas inferências a partir das informações coletadas.

1. **Furadeira**¹⁰ - Hélio Ribeiro, 46 anos, morto no morro do Andaraí, no dia 19 de maio de 2010, quando foi atingido por um tiro de fuzil, enquanto usava uma furadeira no terraço de sua casa, por um agente do Batalhão de Operações Especiais (Bope) que “confundiu” a furadeira com uma arma.
2. **Balança de motocicleta**¹¹ – Gleberon Nascimento Alves, 28 anos, e Alan de Souza pereira, 20 anos, mortos em Rocha Miranda, no dia 19 de fevereiro de 2014, quando foram atingidos por tiros de fuzil, segundo o que foi constatado, pelos policiais terem confundido uma balança de motocicleta com uma arma. Nesse caso, houve ainda constatação de fraude processual, pois houve tentativa de montagem da cena para criar situação de confronto.
3. **Macaco hidráulico**¹² – Jorge Lucas Paes, de 17 anos, e Thiago Guimarães, de 24, foram mortos na Pavuna, no dia 29 de outubro de 2015, após um sargento da Polícia Militar confundir o macaco hidráulico que um deles carregava com uma arma. O tiro atingiu os dois amigos, que vinham em uma moto. Eles perderam o controle do veículo e bateram em um muro. O comandante do 41º BPM (Irajá), onde o sargento servia, admitiu que o agente errou ao atirar.
4. **Skate**¹³ – não foi divulgado o nome da vítima na reportagem. Tinha 16 anos, e no dia 05 de novembro de 2015 estava em companhia de amigos no parque Dois irmãos no alto Leblon, segundo depoimento desta fumando maconha, quando foram abordados por policias. Um policial confundiu um movimento para pegar um skate com uma arma, e o adolescente levou um tiro no braço. Segundo a reportagem era adolescente de classe média alta, morador do Leblon.

¹⁰ Ver na íntegra em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01/pm-que-matou-ao-confundir-furadeira-com-arma-e-absolvido-diz-tj-rj.html>

¹¹ Ver na íntegra em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/policiais-que-teriam-matado-jovens-em-rocha-miranda-serao-indiciados.html>

¹² Ver na íntegra em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/pm-confunde-macaco-hidraulico-com-arma-atira-mata-dois-na-pavuna-17921366.html>

¹³ Ver na íntegra em: <https://oglobo.globo.com/rio/policial-atira-em-adolescente-apos-confundir-skate-com-arma-17971323>

5. **Saco de pipoca**¹⁴ – Jhonata Dalber Matos Alves, 16 anos, morto no morro do Borel, na Tijuca, no dia 01 de julho de 2016, quando foi atingido por um tiro de fuzil na cabeça. Segundo familiares e moradores, a polícia confundiu um saco de pipocas com drogas. Segundo os policiais houve um tiroteio e o adolescente foi baleado, contudo não foram achados indícios de tiroteio.
6. **Atitude brusca**¹⁵ – Luis Guilherme, 18 anos, morto em Nova Iguaçu, em 04 de janeiro de 2018, quando foi atingido por um tiro nas costas, após uma revista da polícia. Segundo o policial porque ele teria tomado uma atitude brusca o que teria feito o policial suspeitar de uma arma e atirar.

Algumas inferências iniciais

A ***inversão do princípio de justiça***: “se é inocente até que prove-se o contrário”, no caso dos negros a culpa já está instituída, não se precisa fazer esforço para provar, na verdade é uma dedução quase evidente. É possível que por isso o trabalho investigativo seja dispensável em nome da razão da aparência, e “aparentar” nada mais é que conhecer superficialmente, logo não é difícil que a naturalização¹⁶ da morte negra torne-se praxe nesse processo.

O argumento trazido à baila nessas mortes é o erro técnico, é o equívoco profissional, essa é a alegação em todos esses casos, parece sumir de vista qualquer outra possibilidade de olhar o fenômeno, a questão é: que não é a confusão em si que nos chama atenção em um primeiro momento, mas o que permite essa confusão ser vista como simples “confusão”. Vidas são perdidas, mas isso é fruto de um erro de cálculo, e isso é, a nosso ver, símbolo máximo da naturalização da morte negra.

Consoante a isso em todos os casos, exceto o número **4**, as pessoas foram alvejadas para matar, “execução”, e inclusive a justificativa é que em virtude da suspeição se atirou em legítima defesa. No Brasil não é oficializada a pena de morte, contudo, não parecer existir tiro de imobilização no suspeito, contudo o suspeito pode ser executado.

Bandido bom é bandido morto? O problema com essas mortes foi que elas não puderam ser encaixadas no jogo cênico e caricatural de mocinhos e bandidos,

¹⁴ Ver na íntegra em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-investiga-morte-de-jovem-no-borel-19623753>

¹⁵ Ver na íntegra em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-morre-com-tiro-nas-costas-dado-por-pm-apos-deixar-mochila-cair-diz-familia-22253079.html>

¹⁶ Estamos fazendo alusão ao processo de naturalização descrito por Chauí (2015): “A naturalização é a maneira pela qual as ideias produzem alienação social, isto é, a sociedade surge como uma força natural estranha e poderosa”(p.217)

bem e mal etc. Nessa dicotomia é preciso demonstrar que os heróis vencem, e nesse caso matar é uma vitória.

Essa forma de avaliar as mortes de pessoas que são consideradas criminosas, forja o princípio pelo qual a morte dos inocentes também já está previamente justificada. Ora, se a execução de criminosos é regra para o “bem” proteger da sociedade, o que acontece com os inocentes é um dano colateral, fruto de erro por um bem maior.

A priori, esses inocentes foram considerados culpados, pois um véu de suspeita continua e se estende antes e depois de suas mortes. Na reportagem sobre o caso **5**, o relato de confusão é uma alegação da família¹⁷. A polícia diz apenas que havia um confronto e o jovem teria recebido uma bala “perdida”, já no caso **2**, os policiais tentaram forjar um auto de resistência. Essas duas situações ilustram como a lógica da culpabilização da vítima opera, não só antes, mais depois da morte¹⁸, através da ideia de que se trata de jovens negros bandidos e a polícia apenas cumpriu seu dever. A “culpa”, nesse caso, começa pela cor da pele, atravessa o lugar onde residem, e os espaços em que transitam. Se essa falsificação não tivesse vindo à público, os mortos seriam apenas mortos, porque estavam “envolvidos” com o narcotráfico, portanto seria “natural” que eles morressem.

Ainda se formos nos atentar para os mais recentes casos de morte e prisão, vamos ver que uma das primeiras falas de familiares e ou amigos das vítimas é sobre o trabalho, a escola, numa tentativa de conseguir provar a inocência. No caso **5**¹⁹ é a própria família que expõe a questão sobre a polícia ter confundido saco de pipoca com droga ilícita. A questão é que o porte de droga ilícita de algum modo pode justificar assassinato, é por isso que a família precisa desvincular a imagem do familiar da ideia das drogas. Em realidade, esse é o único caso, em nossa relação que não envolveu sequer a possibilidade de “armamento” ou “atitude” suspeita.

Logo, a ideia de execução por defesa pode não ser a única explicação possível para esses acontecimentos, porque talvez a execução não seja uma questão de

¹⁷ Ver relato da mãe de Jhonata em: <https://www.youtube.com/watch?v=bFIKP-IWnm8>

¹⁸ Em 2015 foi filmado por moradores da comunidade da providencia Rio de Janeiro a falsificação de auto de resistência de um jovem que foi preso e assassinado no meio de uma das ruas da comunidade em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/videos/moradores-gravam-policiais-forjando-auto-de-resistencia-15102015>

¹⁹ Ver relato da mãe de Jhonata: <https://www.youtube.com/watch?v=bFIKP-IWnm8>

bandidos ou inocentes, ou de leis, mas remete a uma formação sócio histórica brasileira, que tem a morte negra como parte de sua constituição. Na verdade, a morte foi parte central do processo de colonização em todos seus sentidos, não há vida, seja na invasão e extermínio indígena, seja no sequestro e morte de milhões de africanos escravizados, seja na morte da terra, através dos ciclos da monocultura, e da morte de rios e lagos para o progresso.

Não nos desvencilhamos das imagens de negros em troncos sendo açoitados e mortos. Aliás, vemos essa imagem sem muitas críticas até hoje, em alguns livros didáticos e novelas, ainda não foi possível quebrar as estruturas dessa sociedade com suficiente força, para revermos o lugar da trilogia dominação\exploração\morte. Isso não justifica esses eventos, que não tem adjetivos, posto que significam uma perda incalculável e irreparável, mas as raízes desse processo são históricas, sociais e profundamente arraigadas nas relações sociais brasileiras.

De tal modo que, o caso 4 transcorreu de modo diferente dos demais, o único que não resultou em morte. Na verdade, o tiro foi disparado no braço do suspeito. O único cuja narrativa dos próprios jovens foi explícita sobre estarem fazendo uso de maconha, mas que não foi considerado como questão, ao menos, segundo a fala dos policiais concedida a reportagem. Com efeito, a alegação do policial foi que ele não conseguiu ver os adolescentes direito. O resultado do erro aqui foi outro, bastante distinto. Não se trata de exigir a morte equânime, mas trata-se de ver além do discurso do equívoco. Evidentemente que os casos falam de policiais diferentes, em momentos diferentes, mas *o que torna possível que somente nesse caso o policial não tenha atirado de modo letal?* Mbembe (2018) nos alerta para isso, a morte e a exceção são parte da existência negra e a construção dos Estados ditos democráticos não apagaram esse pressuposto, talvez, ao contrário tenham encontrado novas formas de reeditar velhas proposições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer dessa discussão buscamos nos aproximar das discussões acerca da constituição do ser negro. Procuramos estabelecer sua constituição como alvo a priori do olhar do outro (branco). Nesse sentido, as mortes que abordamos acabaram por trazer indícios de racialização, ainda que sua razão seja atribuída ao “acidente”.

Esse aspecto para além de confirmar os dados de documentos, como o Mapa da Violência e do Atlas da violência (2018), também trazem à luz novas possibilidades

de olhar para tais questões, uma vez que, o que é divulgado como “confusão” possui antecedentes sociais anteriores, um dos principais, o racismo, cujo crivo tem sido a mão que direciona a arma contra negros de periferia/favela. Contudo, faz-se necessários novos estudos, para que sejam desveladas outras dimensões concernentes a esse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BETIM, F. A história das operações e planos de segurança no Rio: três décadas de fracasso. **El País Brasil**, São Paulo, 21/02/2018. Intervenção Federal no Rio de Janeiro. Seção Política, s/n. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/19/politica/1519058632_353673.html Acesso em: 14/06/2018.
- BIANCHI. P. Rio chama Exército contra violência pela 12ª vez em 10 anos. Adianta? **UOL Notícias**, Rio de Janeiro, 29/07/2017. Violência no Rio, s/n. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/29/rio-chama-exercito-contra-violencia-pela-12-em-10-anos-virou-rotina.htm> Acesso em: 12/06/2018
- CHAUÍ, M. Ideologia. **Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000
- DOMINGUEZ, B. Vidas negras importam? **Revista Radis**. n.187. 2018
- FANON, F. **Peles Negras Mascaras Brancas**. Edufba, 2008.
- KILOMBA, G. **A Máscara. Cadernos de Literatura em Tradução**, n.16. 2016
- MAGALHÃES, M. de. Homens e mulheres falando em genocídio: a experiência imperialista alemã (1884-1945). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 52, p. 149-171, jan./jun. 2010. Editora UFPR.
- MBEMBE, A. **Crítica a Razão Negra**. N-1 edições, 2018.
- _____. **Necropolítica**. N-1 edições, 2018.
- TRAUMANN, A.; MENDES, F. A partilha da África e o holocausto que o mundo não reconheceu. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 20, v. 1, p. 253-274, 2015.